

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AMBIENTAL
MESTRADO EM ENGENHARIA AMBIENTAL MODALIDADE PROFISSIONAL**

**PROCESSO SELETIVO PARA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – 2009
PROVA DE REDAÇÃO**

Texto 1: Trechos da entrevista concedida por Celso Furtado, em dezembro de 2001 ao jornal “Brasil de fato” (www.celsofurtado.rj.gov.br)

P - Na Universidade, diz-se que a reforma agrária é importante, mas é uma política, digamos, compensatória, secundária. Qual a importância da reforma agrária para a construção da nação, para o desenvolvimento nacional?

CF - Houve uma mudança muito grande nesse aspecto, porque a verdade é que no passado a agricultura era a grande criadora de emprego. Hoje não é mais. Nem no Brasil, nem em parte alguma. No Brasil, nos últimos três anos, 5 milhões de pessoas saíram do campo, o que mostra que o campo não cria emprego nesse modelo. Não temos mais aquela agricultura mista, criadora de emprego. A agricultura se mecanizou, se modernizou. A agricultura só cria desemprego, mas, por outro lado, o mundo urbano não cria emprego, ou cria pouco. Temos, então, um impasse, essencialmente social. Do ponto de vista econômico, a agricultura está bastante bem, os setores urbanos organizados vão se equilibrando, mas do ponto de vista social vemos uma degradação de toda essa parcela da sociedade que vive na beira das estradas, ou dorme debaixo das pontes. É uma coisa vergonhosa! A doença brasileira é muito grave, mas é social, pois deriva da incapacidade de adaptar sua população às tecnologias modernas a fim de continuarmos avançando economicamente.

P -- Como criar emprego hoje na cidade?

CF - Trata-se de saber que possibilidades existem de se criar emprego de boa produtividade, que assegure a subsistência. Já trabalhei sobre isso, e penso o seguinte: o Brasil terá de pensar numa sociedade diferente, em empregos diferentes. Por exemplo, por que não fixar muito mais população no campo, por meio da criação de empregos industriais? Se você interioriza a indústria, reforça o

sistema econômico do país, em vez de fragilizá-lo. Não é criar emprego por criar, sem nenhum sentido econômico. A economia tem suas exigências. Veja-se lá no interior do Nordeste, onde tem tanta gente desempregada, mas vivendo com uma pequena subvenção. Instala-se, assim, uma cultura da miséria, da mendicância, da semi-miséria. E isso é um crime num país tão rico, com tanto potencial, com tanta terra, mas onde não se planta. E como transformar a agricultura numa agricultura viável para uma sociedade com demanda diferente? Esse é o desafio. Investir no campo com critério e habilidade pode criar manchas novas na economia moderna no Brasil, de um tipo novo. Vi em países da Escandinávia como o mundo rural sobrevive. Não é propriamente uma economia “primária”, pois ali se criam milhares de empregos dos setores secundário e terciário, como a agroindústria, o turismo rural, etc.

P - Uma de suas grandes lições é como aproveitar o progresso técnico para o desenvolvimento nacional. É possível ser diferente na ordem global?

CF - Não se trata de ser diferente, trata-se de ser racional. A ordem global é uma coisa, a ordem de cada país é outra. Queiramos ou não, haverá uma ordem para cada país. Mas como será administrada? Internamente ou segundo a programação estabelecida lá fora? Todos os países têm seus próprios problemas, a começar pelos Estados Unidos, como demonstra o cuidado que têm em proteger suas indústrias. O Brasil tem, como os outros, características próprias. É um país com uma grande massa de subemprego, um enorme potencial de recursos naturais não utilizados, um Estado com certa tradição de exercer o poder. Dadas essas circunstâncias, esses fatos concretos, cabe-nos definir um rumo para o nosso país.

Texto 2: Trecho da entrevista concedida por Ignacy Sachs a Andréa Wolffenbüttel, da revista Desafios do Desenvolvimento, em 5/2/2007. *

O estudioso franco-polonês Ignacy Sachs é um daqueles raros economistas que colocam os valores humanos acima de tudo. Famoso por ter cunhado, nos anos 1970, a expressão ecodesenvolvimento, Sachs sempre voltou seu olhar para os países mais pobres e buscou descobrir caminhos que levassem ao crescimento econômico pela via da justiça social. Atualmente é professor da École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, mas costuma visitar sempre o Brasil, onde passou parte de sua juventude. Em seu apartamento no bairro de Higienópolis, em São Paulo, cercado de arte barroca e popular latino-americana, ele falou a Desafios.

Desafios - Como o senhor avalia o desenvolvimento brasileiro na última década?

Sachs - Eu diria que, em vez de falar da década, devemos falar dos últimos 25 anos. O crescimento tem sido pífio e obviamente aumentar o crescimento é um desafio fundamental. Mas não se pode perder de vista que o problema não está unicamente no ritmo do crescimento, mas também nos conteúdos e nos impactos, tanto sociais como ambientais. O Brasil, como muitos outros países, ressente-se do grave déficit de oportunidades de trabalho decente. Trabalho decente no sentido considerado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), ou seja, incluindo não só critérios quantitativos como também os qualitativos no que diz respeito à remuneração e às condições de trabalho. Eu acho que esse é um ponto absolutamente central: como expandir oportunidades de trabalho decente e ao mesmo tempo tentar contribuir para a solução do segundo grande problema que a humanidade enfrenta, que é o das mudanças climáticas. São esses dois megaproblemas que vão marcar o século.

Desafios - As políticas brasileiras têm tido sucesso na redução da desigualdade mais por meio da distribuição de renda do que pela geração de empregos. Como o senhor vê esse processo?

Sachs - Sem desmerecer o papel que teve o Bolsa Família e os programas que o antecederam, o que está sendo discutido atualmente é o problema das saídas do Bolsa Família. O que se fez foi uma modificação na margem de distribuição da renda por meio de programas de redistribuição de parte do Produto Interno Bruto. Essa é uma forma de subsidiar o consumo dos mais pobres, mas requer que seja repetida ano após ano. A solução definitiva só virá com a geração de oportunidades de trabalho.

Desafios - E como seria feita essa geração?

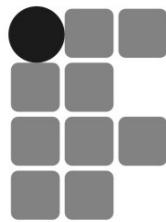
Sachs - Eu acho que seria muito interessante examinar no Brasil a experiência que está tentando a Índia hoje com o que chamam de esquema de garantia de empregos. Esse esquema se baseia numa experiência realizada no estado de Maharashtra. A proposta é que um membro de cada família pobre tenha direito a cem dias de trabalho remunerado por ano, a um salário mínimo. Essa mão-de-obra é aplicada em obras públicas de caráter local. É uma volta ao conceito da Frente de Trabalho, que, no Brasil, nunca foi uma frente de trabalho mesmo, e sim uma pseudofrente de trabalho. Mas essa experiência negativa do passado não

deve descartar a possibilidade de um grande programa de obras públicas de caráter local, que não exigem muita verba e, portanto, podem ser financiadas por créditos públicos. A idéia é que o aumento da demanda por bens de consumo gerada por esse programa seja absorvida pela produção adicional de feijão, arroz, cachaça, havaianas, jeans etc. Temos de voltar ao bê-á-bá. E confiar que não haverá inflação enquanto houver condições de enxugar a demanda adicional com uma produção adicional de bens e salários.

Desafios - Esse programa está funcionando na Índia?

Sachs - A idéia de fazer disso um projeto nacional foi no ano passado, mas eles testaram esse esquema durante vários anos antes de tentar generalizá-lo. Primeiro o aplicaram em um número limitado de distritos e só agora pretendem expandi-lo para todo o país. Mas o que eu quero destacar é o conceito de, em vez de simplesmente distribuir dinheiro, gerar mais oportunidades de empregos locais. Eu gostaria de insistir nas enormes oportunidades de pequenas obras públicas de caráter local. Aliás, existem alguns casos aqui no Brasil, que podem ser intensificados e acelerados. Por exemplo, o programa da construção de 1 milhão de cisternas no semi-árido, tocado pela ASA (Associação do SemiÁrido), e também o programa H2O, que combina as cisternas com a construção de barragens subterrâneas para melhor aproveitamento das águas de chuva. Creio que existe também um enorme campo para uma área na qual o Brasil teve experiências isoladas, que é a de mutirão assistido para a construção de habitações populares. Nesse caso, ainda se acrescenta a vantagem de que o trabalho das famílias que vão morar se transforma em poupança não monetária, portanto muito disso ainda tem um benefício paralelo. Por essa razão acredito na possibilidade de avançar no campo do trabalho. Falo a esse respeito no meu livro mais recente, *Desenvolvimento: Includente, Sustentável, Sustentado*, especialmente no último capítulo. Lá eu discuto uma proposta elaborada pelo escritório brasileiro da OIT sobre a possibilidade de uma estratégia de emprego para o Brasil.

*<http://www.ipea.gov.br>



**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA AMBIENTAL
MESTRADO EM ENGENHARIA AMBIENTAL MODALIDADE PROFISSIONAL**

**PROCESSO SELETIVO PARA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* – 2009
PROVA DE REDAÇÃO**

Proposta de abordagem: Elabore um texto **DISSERTATIVO**, de no **máximo 40 linhas**, no qual você estabeleça uma discussão, do ponto de vista da **Engenharia Ambiental**, acerca do tema abordado nos textos e informações apresentados. Dê um título ao seu trabalho

Nº DA INSCRIÇÃO DO CANDIDATO:

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	

25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
33	
34	
35	
36	
37	
38	
39	
40	

RASCUNHO
PROVA DE REDAÇÃO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	
31	
32	
33	
34	
35	
36	
37	
38	
39	
40	